

A espiritualidade na condição pós-moderna

O desafio a um novo olhar

Nelson de Souza Motta Marriel

Resumo

O texto tenta compreender as atuais demandas sofridas pelo metodismo, suscitadas pela condição pós-moderna, razão e sentido do fortalecimento dos movimentos de avivamento espiritual.

Palavras-chave

Pós-modernidade – espiritualidade – metodismo – avivamento.

**Professor de teologia e
fisioterapia da Metodista do
Rio de Janeiro. Mestre e
Doutor em teologia pela
Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro.**

Spirituality in post-modern condition

The challenge of a new look

Nelson de Souza Motta Marriel

Abstract

The text seeks to understand current demands suffered by Methodism, raised by the post-modern condition, reason and the meaning of the strengthening of spiritual revival movements.

Key-words

Post-modern – spirituality – Methodism – revival.

**Professor of theology and
physiotherapy in Rio de Ja-
neiro. Masters and doctorate
in theology by Pontifical
Catholic University of Rio de
Janeiro.**

La espiritualidad en la condición pos-moderna

El desafío para una nueva mirada

Nelson de Souza Motta Marriel

Resumen

El texto busca comprender las actuales demandas sufridas por el metodismo, suscitadas por la condición pos-moderna, razón y sentido del fortalecimiento de los movimientos de avivamiento espiritual.

Palabras clave

Pos-modernidad – espiritualidad – metodismo – avivamiento.

**Profesor de teología y
fisioterapia de la Metodista de
Río de Janeiro. Master y
Doctor en teología por la
Pontificia Universidad Católica
de Río de Janeiro.**

O mundo ocidental vive hoje um momento que toma a forma de crise de modelos, valores, e que só é compreensível dentro da trajetória maior do seu processo histórico. Esse processo provocou um impacto sobre os indivíduos, sobretudo nas gerações que conheceram certa estabilidade e atualmente têm que se defrontar com a insegurança proveniente do questionamento de todas as suas certezas e apoios mais fundamentais. Tais fatores parecem fazer a história do mundo ocidental reverter-se e/ou mesmo girar sobre as bases que a sustentavam e lhe davam identidade.¹

Esta crise faz com que diversos movimentos surjam no interior do cristianismo (ou fora dele), e eles devem ser percebidos como um grito de alerta a essa situação de conflito em que se encontram os cristãos frente aos desafios atuais. Nesse sentido, justifica-se recordar que os diversos momentos de vida do cristianismo, em meio à diversidade de tradições de cada um – inclusive em meio à própria herança bíblica que caracterizava um modo especial de expressar a fé – os cristãos fizeram escolhas e opções no seio de suas comunidades de fé. É a partir dessas escolhas que a espiritualidade surge, despontando como uma palavra que aponta um método de sistematizar uma teologia ligada à prática e à cultura da Igreja. Essa é a razão pela qual há uma grande dificul-

dade em discernir as tendências do momento sem que o “ranço” da razão institucional esteja presente e interfira, em alguns momentos, e defina, em outros.²

O mundo cristão passa por uma fase de gestação cujo futuro é difícil de prever. Mas supõe-se que seja bom e importante para a vida das Igrejas cristãs, já que ocorreram mudanças substantivas na sociedade e nos inúmeros sujeitos, coletivos e individuais que realçam a temática da diferença. E o cristianismo, como movimento vivo que se nutre pela ação do Espírito Santo, saberá olhar para esse horizonte e construir um rosto novo e uma nova Igreja a partir dessa nova espiritualidade.

No Brasil, alguns movimentos de avivamento espiritual vêm crescendo de forma significativa no interior de diversas Igrejas tradicionais, na tentativa de superação de discursos e de liturgias carentes de simbologia e expressão do cotidiano. Esse fato se deve, também, a uma busca de formas de combate à desesperança, frente aos diversos conflitos e adversidades de que o povo é vítima. A evangelização por parte desses movimentos evidencia a necessária urgência em evangelizar a Igreja na expectativa de superação da visão hierárquica e clerical, de uma tendência em racionalizar o conteúdo de fé e a espiritualidade popular.³

A espiritualidade cristã, hoje, se dá na busca do “verdadeiro cristianismo”, como se fosse possível determinar, quantificar, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, ignorando o movimento de alteração, de transformação da sociedade e seus segmen-

¹ BINGEMER, Maria Clara L. Alteridade e vulnerabilidade, experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993, p. 13.

² Ibid, p. 18.

tos. Essa busca permite compreender que o verdadeiro cristianismo é este real e concreto que existe com todas as suas ambigüidades e contradições. Cristianismo que acontece no encontro entre fé / Evangelho / culturas autóctones e que tem provocado o surgimento de uma espiritualidade mais sensível às dimensões místicas de cada região e/ou território deste país.

Portanto, a espiritualidade deve balizar-se a partir de questões hermenêuticas como: "Quem é Cristo para a Igreja hoje?" "Quem é Cristo para o homem e a mulher comuns hoje?" "Que representa Cristo hoje para a sociedade?" "Que visão de Cristo têm os diferentes grupos sociais, como universitários, operários, desempregados, classe média, proletariado, sem-terra, sem-teto, as minorias e outros?" Para cada um desses grupos, a espiritualidade dá-se de uma forma singela e íntegra com matizes distintos.⁴

O cristianismo não é ensinamento sobre condições, fatos, realidades que sempre se apresentaram iguais, mas é a proclamação de uma história da salvação, de um agir salvífico e revelador de Deus para o homem e com o homem. E ao mesmo tempo (porque esse agir de Deus se dirige ao homem como sujeito livre) é também a proclamação de uma história da salvação e não-salvação, da revelação e sua interpretação, que é feita também pelo

próprio homem, de tal sorte que essa história singular da revelação e salvação, portada pela liberdade de Deus e do homem ao mesmo tempo, forma uma unidade.⁵

Há uma "nova" espiritualidade explicitada a partir desse conteúdo de fé que foi revelado, possibilitando a afirmação de que há tantos "Cristos" quanto indivíduos cristãos; porém, nenhum desses "Cristos" esgota a totalidade do Cristo da Escritura Sagrada. Mas todos, de certa maneira, são fiéis ao Cristo dos Evangelhos, dado que cada um contém alguma coisa do Cristo encarnado. Por isso a pergunta "quem é Cristo hoje?" faz-se prévia a qualquer inquérito sobre a evangelização realizada pela Igreja, tornando-se, assim, a chave hermenêutica para uma espiritualidade cristã.⁶

Isso é de vital importância no processo de evangelização que se pretende realizar, pois é no exercício de uma espiritualidade a partir da expressão de vida dos diversos homens, mulheres, jovens, crianças e idosos que a mensagem do Evangelho se torna elemento de ligação entre Cristo e Hoje e o Hoje e Cristo, como veículos de animação/encarnação da palavra e da ação cristãs (I João 4,20). Jesus veio em carne e osso; era um ser humano, habitando entre seres humanos, que mostrou uma radical insatisfação a respeito de todas as flagrantes desigualdades sociais que existiam no seu tempo. Essa insatisfação era própria Dele, divino e humano, em Sua busca de reconci-

³ LIBÂNIO, J.B. *As Grandes Rupturas Sócio-Culturais e Eclesiais*. RCB, Petrópolis: n.189, Vozes, 1988, p. 166-7 e 176-9.

⁴ VASQUES FILHO, P. *Religião, Ídolo e Reino de Deus*. Religiosidade Popular, São Paulo: Paulinas, 1984, p. 89-93.

⁵ RAHNER, Karl. Op. cit., p. 171.

⁶ CASTRO, N.W. *Uma Nova Evangelização. Caminhando*. São Paulo: Imprensa Metodista, n. 1, 1988, p. 15.

liar e salvar o mundo (João.3,16-17; 12,45-47 e Atos 7,34).⁷

Jesus de Nazaré, a partir de Sua vida, Seus gestos, Sua morte e ressurreição, é chamado o Sacramento por excelência; porque Nele as histórias da salvação e da humanidade encontram seu clímax.⁸ No encarnar o Plano Salvador de Deus, Ele irrompe na história da humanidade religando a criatura com seu Criador, apontando o destino de todos os homens e mulheres. Sua corporificação — Deus tornando-se homem — acontece em Jesus, revelando Seu amor, serviço, misericórdia e identidade com toda "carne" queixosa e desejosa da graça de Deus. As ações e as palavras de Jesus concretizam na história deste mundo, no espaço e no tempo, o mistério de Deus (Efésios 3,3; Colossenses 4,3).⁹

O processo de construção de uma nova espiritualidade só será possível, hoje, a partir da conjuntura. Isto é, do encontro que se faz do embate com Deus, que se dá no encontro com o próximo — com o outro¹⁰ —, encontro no qual todas as pessoas se permitem aproximar-se umas das outras, a partir de um projeto de alteridade¹¹. Unindo

bem firme a fé com a vida, a oração com a luta, as derrotas com a esperança, os erros com o perdão, o sofrimento com a misericórdia, tudo tendo como paradigma o Verbo encarnado, Jesus. Uma nova espiritualidade que rompa com o olhar prosélito.

No olhar prosélito, os que não estão na comunidade são vistos como alvos de cooperação (porque poderão aumentar o número de membros da Igreja, a sua arrecadação e/ou as posses do líder religioso), ou como objeto de "pecado" e "perdição". Este olhar não! Um novo olhar sim! O olhar que a todos veja como meta e propósito da graça de Deus, em compromisso por anunciar a boa nova de Jesus.

Essa nova espiritualidade tem sido revelada e construída nos encontros de diversas comunidades, entre os que se dispõem a encontrar Cristo a partir do encontro com o próximo. Nesse momento a evangelização acontece, pois trata do sair de si próprio para se encontrar com o outro, respeitando-o como outro, a fim de ajudá-lo a se encontrar com Jesus Cristo salvador e libertador. Esse dinamismo, inspirado na atitude básica vivenciada por Jesus Cristo, pressupõe certo grau de disponibilidade em crescer na direção daquele que é o cabeça da Igreja, Cristo, sem o qual é impossível sair de si próprio para o encontro com o outro. O outro que revela a "face oculta" de Deus.¹²

Essa espiritualidade passa a ter por perspectiva a vida, anúncio da realidade solidária do amor eterno, incondicional e gratuito de Deus, revelado e feito carne em Jesus de Nazaré. E tem por propósito maior

⁷ RÚBIO, A.G., 1993, op. cit., p. 10.

⁸ BOFF, L. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 45.

⁹ CAMPOS, M.C.S. *O Reino de Deus. Sentido Único da Vida de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: PUC, 1984, p. 50, mimeo.

¹⁰ "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar ao seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (I João 4,21). Texto retirado da Bíblia traduzida em português por João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada no Brasil, Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília: 1969.

¹¹ Que permite o nascimento das diferenças e nelas, os estilos, os modos de ser e estar, os

jeitos de cada qual, do indivíduo como pessoa e ser único.

¹² PAOLI, A. *Espiritualidade Atual*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 57.

fazer com que o ser humano perceba a grandeza de Deus, de seu amor e perdão, como também fazer com que possa distinguir a presença de Deus no cotidiano de suas vidas. O que pode resultar em: salvação, conversão, transformação, incorporação-seguimento de Cristo individual e coletivamente.¹³

Portanto, a Igreja metodista como comunidade evangelizadora tem que ser testemunha viva da graça de Deus a partir da espiritualidade de seus fiéis. Pois a evangelização é missão da Igreja toda, e não unicamente de algumas pessoas especializadas ou especialmente chamadas.

A experiência da graça, através do Espírito Santo, torna-se a força vital de propagação do crescimento metodista. A experiência de testemunho interno do Espírito (Romanos 8,12-17) vitaliza todo ser, na relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. É um incontável poder de comunicação que tirou a Igreja das quatro paredes dos templos, levando-a às pequenas comunidades (às classes), boca das minas, praças públicas e todos os lugares, onde as pessoas, de qualquer idade e condição social, estivessem em condições de aceitar, pela fé, a Jesus Cristo e transformar essa fé em obras de misericórdia. No poder de Espírito Santo, através do testemunho e do serviço prestados pela Igreja ao mundo em nome de Deus, da maneira mais abrangente e persuasiva possíveis, os metodistas procuraram anunciar a Cristo como Senhor e Salvador. (I

Coríntios 9,16; Filipenses 1,12-14; Atos 7, 55-58).¹⁴

A Igreja é uma comunidade de autenticidade e integridade, em que homens e mulheres são aceitos e justificados tais como são, a fim de que ela, Igreja, seja autenticamente ela mesma; embora seja uma comunidade ordenada, onde todos os fiéis estão submetidos à disciplina e à direção do Espírito Santo. A espiritualidade vivida pela Igreja, indivíduo ou grupo, tem sua raiz na eleição do povo de Deus e na obra redentora de Jesus Cristo, mediante a qual Deus está "*reconciliando o mundo consigo mesmo*" (II Coríntios 5,19).¹⁵

É importante, portanto, que a Igreja Metodista, fiéis e pastores, entendam que o objeto do Evangelho é o ser humano e suas estruturas. É o anúncio pessoa a pessoa até alcançar toda a sociedade, campo da ação definitiva de Deus, ação que não se refere apenas a indivíduos, mas a todas as estruturas deste mundo, cujo fim foi determinado por Jesus Cristo: a advertência de uma nova ordem, o Reino de Deus. A espiritualidade tem por missão criar um espírito de endereçamento com que, pela Igreja, todos são convidados a ir à esfera de tudo que não é Igreja para dar testemunho de Jesus Cristo, objetivando uma evangelização que vá ao encontro do ser humano, onde ele estiver, e fale de sua condição. Porque assim é o Evangelho: Deus feito carne, vindo em forma humana (Jesus de Nazaré) para habitar entre Seu povo. A Igreja não deve tirar o ser humano do lugar onde está, mas evangelizá-lo em seu meio. Tirá-lo de seu

¹³ RÚBIO, A.G., 1993, op. cit., p. 132.

¹⁴ *Plano para a vida e a missão*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1993, p. 64, letra e.

meio para levá-lo para a Igreja é negar a encarnação de Deus.¹⁶

Essa evangelização não conhece limites, tempo e espaço, pois pressupõe um tempo — o tempo da "paciência histórica" de Deus. Durante esse tempo, Deus dá a oportunidade de evangelização e de arrependimento, sendo também a ocasião para que a Igreja manifeste sua solidariedade com os não-crentes, até o "final dos tempos". Essa dimensão escatológica dá um sentido de urgência à proclamação e à evidência do Reino de Deus.¹⁷

Portanto, é imperativo que a Igreja, indivíduo e grupo, preste conta de sua experiência religiosa, entendendo-a como presença vivida e encontro de comunhão com Deus, evidenciando que a espiritualidade não é apenas "árida abstração, mas constitui tecido conjuntivo de vida"¹⁸ e percebendo-se, então, como uma comunidade de oração, de serviço e encontro de pessoas consigo mesmas e com as outras.

Logo, viver a fé em uma comunidade metodista e a partir desta comunidade é desenvolver uma espiritualidade, é ser Igreja, é chegar mais perto do desejo realizado do amor pleno, da felicidade. O texto bíblico evoca "*Eis que trago boas notícias de felicidade*" (Lucas 2,10). Essa é a dimensão da

espiritualidade de uma comunidade de fé que reúne quatro aspectos: um espaço para cantar, orar, celebrar; um lugar fraterno; um testemunho solidário; e a mensagem da Palavra de Deus.¹⁹

Viver no tempo do Espírito Santo significa plenificar-se do Espírito Santo. A plenitude do Espírito Santo está ligada à abertura e sensibilidade, à libertação de uma grande multidão da pobreza e humilhação de não participar do processo de decisão, para a descoberta de novos modos de viver em liberdade, justiça e paz, para que alcance maior participação nos recursos da vida, e para que a relação de dominação e dependência de que é vítima possa ser transformada na cooperação entre irmãos e irmãs. Portanto, a libertação tem uma dimensão política.²⁰

A Igreja é uma comunhão de esperança, pois a ressurreição de Jesus inaugura uma "nova humanidade". As esperanças da humanidade não são contraditórias com a esperança de Deus, pois elas foram encarnadas e vivenciadas no homem-Jesus, o Deus-encarnado. Jesus de Nazaré, o Messias, encarna todas as esperanças da humanidade; ele é a nossa esperança, pois, obediente à vontade do Pai, identificou-se com todos aqueles que eram rejeitados pela sociedade. A pregação da vinda do Reino de Deus irrompe o anúncio/presença do Deus inclusivo, destruindo as forças da morte e do mal.²¹

Isto significa viver na esperança de que a vida das pessoas já pode apresentar sinais

¹⁵ BARREIRO, A. *Os Pobres e o Reino: Do Evangelho de João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983, pp.135-7.

¹⁶ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979, pp.125-9.

¹⁷ COBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987, pp.27-9.

¹⁸ BUYERS, P. E. *Os Fundadores do Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1929, p. 23.

¹⁹ cf. RIBEIRO, Claudio. *Novos Enfoques da Pastoral. Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, mar/abr/90, p. 18.

²⁰ TAKATSU, S. *Renovação na Comunhão Anglicana: Uma Contribuição Latino-Americana. Estudos de Religião*, São Paulo: n. 4, Imprensa Metodista, 1986, p. 26.

²¹ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Declaração da Assembléia da Comissão de Fé e Ordem*. Bangalore, 1978. In: *Simpósio*, São Paulo: n.21, jun.1990, p. 75.

da nova criação. O Espírito Santo liberta a todos dos poderes das trevas, estimula os ânimos, revigora as forças e dá uma nova visão. Estimula ainda novos sonhos e desejos, impelindo a lutar por uma comunicação bilateral e plural, ajudando a superar as barreiras divisionistas, proporcionando a comunhão e solidariedade. Mediante o Espírito Santo, o amor de Deus é derramado na vida das pessoas e de suas comunidades.

A saída para a construção de uma "nova" espiritualidade metodista no contexto brasileiro, talvez esteja no conteúdo das palavras do Bispo Paulo Ayres em seu relatório à igreja na primeira região em 1985, ou seja, a busca por

nos libertarmos do ranço sacerdotal tão presente no protestantismo brasileiro, que nos faz fundamentalistas e moralistas em nossa vivência cristã, produzindo uma religião reacionária e conservadora, que tem medo das mudanças, que não é capaz de se fazer brasileira e que não cresce mais em nosso meio. A libertação deste tipo de religião sem vida e poder, pela ação do Espírito entre nós, tem que produzir uma religião de índole profética, que chamaria de movimento pentecostal libertador, isto é, ter o vigor, a dinâmica, o entusiasmo missionário e a paixão do pentecostalismo, e a visão crítica, transformadora e libertadora das comunidades de base católicas. Ser um pentecostalismo engajado nas lutas do nosso povo, inconformado com a situação de injustiça social a que estão submetidos milhões de irmãos e irmãs brasileiros, e ao mesmo tempo ser uma comunidade de base cheia do calor e do entusiasmo provocado

pela ação do Espírito Santo no meio do povo.²²

Nesta perspectiva, ou seja, na busca por uma espiritualidade metodista, o anúncio das "boas novas" hoje deve partir de uma mudança radical na sua estratégia, porque o homem, a mulher e a criança de hoje são diferentes dos tempos de Wesley e os embates se dão em relações sociais e bases ideológicas distintas. Portanto, a tarefa da Igreja – que tem compreendido ou pretende compreender as mudanças ocorridas no mundo – é procurar uma nova habilidade e fundamentação que tenha origem nessa terra, no povo. Esta tarefa se realiza não mais simplesmente pela palavra do pregador e/ou pela inserção em uma estrutura eclesial, e sim a partir de grupos pequenos que se inserem como elemento transformador num corpo social específico como os bóias-frias, ou os estudantes, ou os operários, ou os sem terra, ou ainda os moradores das ruas, ou outro qualquer. Para isso, é necessário conhecer melhor esses grupos e, mais especificamente, aprender a viver a dinâmica do evangelho com eles e a partir deles.

Referências bibliográficas

- BARREIRO, A. Os Pobres e o Reino: Do Evangelho de João Paulo II. São Paulo: Loyola, 1983.
- BINGEMER, M. C. L. Alteridade e vulnerabilidade, experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993.

²² MATOS, P. A. Relatório Episcopal ao Vigésimo Sexto Concílio Regional da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica. Rio de Janeiro: 1985, p. 7.

- BOFF, L. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, L. *O Pai Nosso*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BUYERS, P. E. *Os Fundadores do Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1929.
- CAMPOS, M. C. S. *O Reino de Deus. Sentido Único da Vida de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: PUC, 1984, p. 50, mimeo.
- CASTRO, N. W. *Uma Nova Evangelização. Caminhando*. São Paulo: Imprensa Metodista, n. 1, 1988.
- COBLIN, J. O. *Espírito Santo e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COSTA, N. M. O fundamento mítico-religioso da suposta magia do candomblé. *Estudos de Religião*, São Paulo: Imprensa Metodista, n. 4, 1986, p. 124-127.
- GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LIBÂNIO, J. B. *As Grandes Rupturas Sócio-Culturais e Eclesiais*. RCB, Petrópolis: n. 189, Vozes, 1988.
- MATOS, P. A. Relatório Episcopal ao Vigésimo Sexto Concílio Regional da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica. Rio de Janeiro: 1985.
- PAOLI, A. *Espiritualidade Atual*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- PENIDO, L.T. *O Mistério dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- PLANO PARA A VIDA E A MISSÃO. São Paulo: Imprensa Metodista, 1993.
- RIBEIRO, C. O. Novos Enfoques da Pastoral. *Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, mar/abr/90, p. 18.
- RÚBIO, A.G. *Nova Evangelização e Maturidade Afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- TAKATSU, S. Renovação na Comunhão Anglicana: Uma Contribuição Latino-Americana. *Estudos de Religião*, São Paulo: n. 4, Imprensa Metodista. 1986.
- VASQUES FILHO, P. *Religião, Ídolo e Reino de Deus*. Religiosidade Popular, São Paulo: Paulinas, 1984.